

DOSSIÊ TEMÁTICO
SEMINÁRIO VIRTUAL PERSPECTIVAS CRÍTICAS SOBRE O TRABALHO NO TURISMO

SOFRIMENTO NO TRABALHO: UM CAMPO DE LUTA NO TURISMO

Luciene Jung de Campos¹
Maicon Gularte Moreira²

Resumo: A que deve o trabalhador renunciar para se adaptar à organização do trabalho? Neste trabalho, de caráter ensaístico e crítico, propomos estabelecer uma interface entre trabalho, sofrimento e arte, nos limites entre a força de trabalho marxista, o pulsional freudiano e a loucura do trabalho dejouriana, para problematizar a exploração do trabalho. Buscamos esse nexos através de duas séries de instalações artísticas de Adriana Varejão, Línguas e Cortes (1997-2003) e Charques (1999-2018), cujas obras nos impõem o olhar para o tema. Arriscamos o caráter fragmentado dos encontros evocados para rerepresentar e interpretar o sofrimento na histórica relação das forças produtivas, da qual o turismo não escapa. Desapropriado de sua intelectualidade, individualizado da coletividade e limitado em relação às necessidades do seu corpo, o trabalhador precisa resistir. O sofrimento é proposto como campo de luta entre o desejo do trabalhador e a demanda da organização do trabalho, como uma estratégia possível de negociação do trabalhador para não adoecer.

Palavras-chave: trabalho; turismo; psicanálise; sofrimento no trabalho; arte.

1. Por que tomar posição pelo sofrimento no trabalho?

O sofrimento do trabalhador indica que algo vai mal. Não se trata de balizar o sofrimento por alguma demarcação de “saúde mental no trabalho”, cujo caráter de ideal é em si mesmo problemático, já que de conceituação impossível. Trata-se de um sujeito em pane - em estado de parada, de falha ou em mau funcionamento, como um motor. Avariado. Estamos falando do sujeito moderno, seja ele tomado pelo dilema mecânico ou digital-virtual. O sujeito que se vê nos limites do poder de fala, de tomada de posição. O sujeito como efeito da “pouca liberdade, nos quais aparece a divisão entre saber e verdade,

¹ Doutora em Estudos da Linguagem: teorias do texto e do discurso (PPGLET/UFRGS). Professora adjunta do Centro de Humanidades (UCS). Professora e pesquisadora do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (UCS). E-mail: ljungdecampos@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7427-742X>.

² Mestre em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH/UCS). Doutorando no Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, com financiamento FAPERGS/CAPES. E-mail: maicongmoreira@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1794-9856>.

entre universal e particular, entre conceito e objeto”, divisão que só encontra uma possibilidade de solução “em momentos de alienação e em atos de reconhecimento” (Dunker, 2015, p. 332). Serão esses limites contingentes, historicamente e politicamente determinados? De que necessidades resultam?

O sujeito dividido sofre, entre os seus impulsos e a civilização, entre o desejo do trabalhador e a organização do trabalho. Quem se importa com o sofrimento do trabalhador? Seu sofrimento sempre acaba aparecendo como fraqueza, preguiça, vadiagem, má vontade, falta de engajamento e de proatividade. Desse modo, o sofrimento abre um debate sobre “doença” e “saúde” do trabalhador. A que deve o trabalhador renunciar para se adaptar à organização do trabalho? O que o trabalhador precisaria deslocar para obter uma desajeitada satisfação no trabalho? Por que é importante essa separação entre adoecimento e sofrimento? Porque o adoecimento se volta para um comprometimento do corpo e quando o corpo adoecer vira um problema individual do trabalhador, perdendo essa dimensão social que o sofrimento no trabalho aporta.

Que tipo de montagem linguageira, então, seria possível no exercício do trabalho para que um lugar de existência se viabilizasse? Afinal, é a língua que marca e define as relações de produção na estrutura social, cavando o lugar do explorador insaciável por capitalizar o excesso que resulta do trabalho e que vem a faltar, na contrapartida, ao trabalhador. É o princípio da mais-valia que organiza o funcionamento social como sintoma, conforme Marx (1867/2017a) nos adiantou. Ou seja, ao mesmo tempo em que a realização pessoal no campo do social passa pelo trabalho (Dejours, 1980/2009), o sofrimento está relacionado ao modo como estabelecemos laço com o social e com nós mesmos (Dunker, 2015).

Para Lacan (2005), o sofrimento é um afeto que não é recalcado, mas algo que deriva, que se desprende e se solta. O sofrimento está desamarrado, invertido e não consegue levar a cabo o compromisso de satisfação entre a reivindicação pulsional do sujeito e a organização do trabalho. Como anunciou Freud (1930/2010a):

O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos. O sofrimento que se origina desta fonte nós experimentamos talvez mais dolorosamente que qualquer outro; tendemos a considerá-lo um acréscimo um tanto supérfluo, ainda que possa ser tão fatidicamente inevitável quanto o sofrimento de outra origem. (p. 19)

O trabalhador pode tentar impedir o aparecimento do sofrimento, fazendo de sua vida uma entrega obediente e obsessiva aos rituais de produtividade, renovando a sua dependência fundamental às relações de exploração já consolidadas. Mas, como afirma Marx (1849/2010), o trabalho é antes o sacrifício da vida do operário. O sofrimento como tensão pode ser lido como uma excitação que se dá no campo de luta entre o desejo do trabalhador e a organização do trabalho, uma estratégia encontrada pelo sujeito como via

de negociação possível. Vê-se o porquê, então, da importância de reivindicar o sofrimento como um campo de luta, na medida em que significa valorizar o que resta ao trabalhador antes do seu adoecimento. Assim, é preciso não apenas posicionar a importância de escuta do sofrimento do trabalhador, mas também problematizar o modo como a organização do trabalho e o capital o exploram.

Ao retomar o diagnóstico de Marx e Engels (1848/2005) em “O manifesto comunista” sobre o novo funcionamento social engendrado pela classe burguesa, como sendo caracterizado pela revolução contínua da produção, pelo abalo constante de todo sistema social, pela agitação permanente e pela falta de segurança, Dunker (2015) chama nossa atenção para a relação de afinidade estabelecida, de causa e de lugar, entre divisão social do trabalho e divisão do sujeito. Entre outras homologias constitutivas da modernidade, é preciso considerar essa relação de afinidade como igualmente constitutiva dos nossos processos de subjetivação (Dunker, 2015). O destaque realizado nos impõe um retorno a Freud para pensar suas possibilidades.

Em seu texto “Além do princípio do prazer”, Freud (1920/2010b) nos indica que o aparelho mental sempre irá se esforçar para manter a quantidade de excitação nele presente o mais baixa quanto for possível. Tudo aquilo que se apresentar contrário a esse funcionamento, será lido pelo aparelho como desagradável. Alerta, no entanto, que este princípio não é dominante. Isso nos faz imediatamente questionar, assim como Freud o fez (1920/2010b, p. 108), “quais circunstâncias podem impedir o prevaletimento do princípio do prazer”? Complementarmente, perguntamos: qual o destino do sofrimento no trabalho?

Considerando essas reflexões, nos propomos a estabelecer uma interface entre trabalho, sofrimento e arte, nos limites entre a força de trabalho marxista, o pulsional freudiano e a loucura do trabalho dejouriana, para problematizar a exploração e precarização do trabalho no turismo. Buscamos esse nexos através de duas séries de instalações artísticas de Adriana Varejão, *Línguas e Cortes* (1997-2003) e *Charques* (1999-2018), cujas obras nos impõem o olhar para o tema. Arriscamos o caráter fragmentado dos encontros evocados entre preocupações estéticas e as abordagens psicanalíticas, para rerepresentar e interpretar o sofrimento na histórica relação das forças produtivas, da qual o turismo não escapa.

2. Uma leitura sobre a exploração do sofrimento no trabalho

Dejours (1980/2009), inicia o título “A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho” pela problematização do taylorismo e a divisão, individualização e limitação do modo operatório do trabalho como um ataque à dimensão psicológica e psicoeconômica da “liberdade de organização - reorganização - modulação” do trabalhador, que diz respeito “à integridade do aparelho psíquico e, mais além, à saúde do corpo” (p. 38). Nesse processo, o trabalhador é despossuído de seu equipamento intelectual e de seu aparelho mental (o autor diferencia essas noções) para executar tarefas banais e repetitivas, muitas vezes separado dos demais trabalhadores e/ou em



oposição a estes, “confrontados um por um, individualmente e na solidão, às violências da produtividade” (p. 39). Diante de todas as chantagens que lhe são apresentadas – prêmios, comissões, aceleração dos ritmos, etc., o trabalhador é quem deve encontrar uma saída para corresponder à demanda da tarefa e arcar com todas as consequências decorrentes desse processo.

[...] a individualização, mesmo se ela é antes de tudo uniformizante, porque ela apaga as iniciativas espontâneas, porque ela quebra as responsabilidades e o saber, porque ela anula as defesas coletivas, a individualização conduz, paradoxalmente, a uma diferenciação do sofrimento de um trabalhador e de outro. Por causa do fracionamento da coletividade operária, o sofrimento que a organização do trabalho engendra exige respostas defensivas fortemente personalizadas. Não há mais lugar praticamente para as defesas coletivas. (Dejours, 1980/2009, p. 40)

Ele, no entanto, não descarta a existência de defesas coletivas contra, mas as vê como muito limitadas diante do poder da organização do trabalho, e de caráter simbólico, na medida em que as estratégias contra o sofrimento terminam rapidamente. Há, contudo, um benefício mental oriundo desta operação simbólica. Dejours (1980/2009) defenderá que, mesmo não sendo possível descartar a existência de estratégias coletivas, “é sobretudo individualmente que cada operário deve se defender dos efeitos penosos da organização do trabalho” (p. 41). Desapropriado de sua intelectualidade, individualizado da coletividade e limitado em relação às necessidades do seu corpo, o trabalhador não tem mais a forma humana, o que viabiliza o condicionamento de sua força de trabalho por meio de seu adestramento/treinamento (Dejours, 1980/2009).

O trabalho das camareiras é um típico exemplo desse processo, cujo modo operatório, caso respeitasse o equilíbrio fisiológico do que são capazes, não seria o mais eficaz do ponto de vista do rendimento exigido pela organização do trabalho (tempo máximo de arrumação/reposição de cada unidade habitacional), na medida em que cada camareira deveria ter a possibilidade de determinar seu modo pessoal de execução do seu trabalho. Ao contrário, além da limitação dos movimentos de seu corpo sobre, por exemplo, como arrumar uma cama em menor tempo, a camareira deve seguir estritamente o padrão de arrumação exigido pela organização, colocando tudo sempre no mesmo lugar, na mesma posição, sem amassos, sem manchas, etc. E deve fazê-lo em silêncio, na maioria das vezes isolada e invisível.

Considerando a importância das estratégias defensivas tanto individuais quanto coletivas, Dejours (1980/2009) propõe que o foco de nossa observação seja a finalidade pela qual tais defesas são construídas. “Do choque entre um indivíduo, dotado de uma história personalizada, e a organização do trabalho, portadora de uma injunção despersonalizante, emergem uma vivência e um sofrimento” (Dejours, 1980/2009, p. 43).

A primeira questão relativa ao sofrimento no trabalho recai sob o sintoma de insatisfação, sentido como indignidade, decorrente da despersonalização do trabalhador diante de uma tarefa que se torna desinteressante e inútil. O sentimento de inutilidade



remete o trabalhador, por uma via, à falta de qualificação e de finalidade do trabalho. O trabalhador muitas vezes desconhece a significação de seu trabalho no contexto geral da empresa e, sobretudo, no contexto humano-social. Isso o leva a crer em sua desqualificação, na medida em que quanto maior a qualificação, mais honrosa e complexa será sua tarefa e mais admirada será. Os sentimentos de indignidade, inutilidade e desqualificação implicam “executar uma tarefa sem investimento material ou afetivo” por meio da produção de esforço e vontade que, no entanto, não encontram mais suporte no jogo da motivação e do desejo (Dejours, 1980/2009).

Na segunda via encontra-se a relação do trabalhador com o que Dejours (1980/2009) chama de “conteúdo ‘significativo’ do trabalho” (p. 49). Esta relação pode ser observada por meio de dois prismas: o conteúdo significativo do trabalho em relação ao sujeito e em relação ao objeto. O primeiro é analisado pelo autor a partir da adaptação do conteúdo da tarefa às competências reais do trabalhador. Este pode, eventualmente, “encontrar-se em situação de subemprego de suas capacidades ou, ao contrário, em situação muito complexa, correndo assim o risco de um fracasso” (Dejours, 1980/2009, p. 50). Tanto no sucesso quanto no fracasso, o trabalhador se encontra exposto ao reconhecimento e/ou ao desconhecimento da tarefa em relação à profissão e ao estatuto social implicitamente ligado ao seu posto de trabalho. Já o conteúdo significativo em relação ao “Objeto” advém da reflexão sobre a mobilização de um certo número de símbolos que dizem respeito aos gestos, instrumentos, materiais engendrados por um posto de trabalho determinado.

A natureza e o encadeamento destes símbolos dependem, ao mesmo tempo, da vida interior do sujeito, isto é, do que ele põe, do que ele introduz de sentido simbólico no que o rodeia e no que ele faz. Todas estas significações concretas e abstratas organizam-se na dialética com o Objeto. Objeto exterior e real por um lado, objeto interiorizado por outro, cujo papel é decisivo na vida. Acontece inevitavelmente que o interlocutor interior e os personagens reais que o trabalhador encontra opõem-se. Responder a um, não implica necessariamente em responder simultaneamente ao outro. (Dejours, 1980/2009, p. 50)

O conteúdo significativo do trabalho em relação ao objeto nos impõe refletir sobre a função social, econômica e política do trabalho (Dejours, 1980/2009). Mesmo desengajado do objetivo social do seu trabalho, o trabalhador não pode ser considerado jamais neutro em relação aquilo que produz. Independente dos distintos reconhecimentos sociais e das exigências de qualificação, retomando o exemplo anterior da camareira, esta necessita estabelecer relações de confiança com a governanta; o recepcionista, por sua vez, necessita estabelecer uma relação de confiança com o setor de governança, etc. Tanto no setor industrial quanto no de serviços, os trabalhadores sabem quais os postos mais ou menos valorizados, quais atividades são mais ou menos penosas, etc. Sabem também que ocupar um determinado posto de trabalho ou ser recolocado num ou noutro, impõe um significado distinto no contexto das relações entre colegas e entre eles e a organização. Receber um salário maior ou menor em razão do posto de trabalho



ocupado implica ao trabalhador saber sobre suas limitações materiais em relação ao suprimento de suas necessidades básicas, mas também em relação às suas aspirações, projetos, etc. Por isso, ratifica que “a tarefa nunca é neutra em relação ao meio afetivo do trabalhador” (Dejours, 1980/2009, p. 51).

Logo, é preciso “interrogar-se sobre o custo humano da insatisfação” (Dejours, 1980/2009, p. 51), na medida em que a organização do trabalho “choca-se frontalmente com a vida mental e, mais precisamente, com a esfera das aspirações, das motivações e dos desejos” (pp. 51-52). Quantos de nós já não ouvimos histórias sobre alguém que mudou de uma profissão para outra em busca de uma aspiração antiga, em razão de uma descoberta pessoal, etc.? Quanto menos rígida a organização do trabalho, maiores as possibilidades de correspondência entre o trabalho, as competências e aspirações do trabalhador, maior o compromisso entre os desejos e a realidade. Quanto mais rígido o trabalho, menor o seu conteúdo significativo, menor sua adaptação ao aparelho psíquico do trabalhador, menores as possibilidades de mudá-lo e maiores serão as possibilidades de sofrimento, que se inicia na medida em que esta negociação entre trabalhador e organização é barrada (Dejours, 1980/2009).

Isso implica sérias consequências para a análise do sofrimento no trabalho do turismo, na medida em que os postos de trabalho mais precarizados são também aqueles que enfrentam estruturas de organização e sistemas de operação mais rígidos, como é o caso dos trabalhadores da hotelaria, da alimentação e do transporte. É necessário também pensar nas consequências específicas sobre o sofrimento oriundo do processo cada vez maior de uberização do trabalho (Slee, 2017) no turismo e do trabalhador “empresa de si” (Dardot, & Laval, 2016), responsável por todos os custos de seu sucesso e, sobretudo, do seu fracasso, na medida em que é exigido reiteradamente por sua capacidade de esforçar-se ‘livremente’. Quanto mais esforço, mais sucesso e vice-versa. A liberdade e o investimento desses trabalhadores sobre seu trabalho implicam menor sofrimento? A adaptação ou inadaptção ergonômica do corpo do trabalhador à tarefa traz apenas consequências somáticas ou estas podem alcançar o aparelho mental? É possível desconsiderar a vivência subjetiva dos trabalhadores sobre a intervenção ergonômica a que seus corpos são submetidos? Não se trata de aprofundar a discussão nesse sentido, apenas destacar a necessidade de problematizar as especificidades de cada posto de trabalho e as abordagens que buscam moldar/adaptar o trabalhador e seu corpo às exigências do trabalho a qualquer custo, seja ele físico ou psíquico. E, nesse sentido, problematizar algo que ecoa desde Marx (1844/2017b): a exploração capitalista do sofrimento do trabalhador.

Há sempre uma tendência à abordagem do sofrimento físico, na medida em que a doença física se opõe direta e visivelmente à produtividade e à rentabilidade da empresa. No entanto, existem aspectos funcionais da exploração do sofrimento psíquico que precisam ser colocados em evidência.

[...] os comportamentos condicionados não são unicamente consequências da organização do trabalho. Mais do que isso, estruturam toda a vida externa ao trabalho, contribuindo, deste modo, para submeter os trabalhadores aos



critérios de produtividade. A erosão da vida mental individual dos trabalhadores é útil para a implantação de um comportamento condicionado favorável à produção. O sofrimento mental aparece como intermediário necessário à submissão do corpo. (Dejours, 1980/2009, p. 96)

Dejours (1980/2009) mostra, então, por meio de dois exemplos, “como o sofrimento proveniente da insatisfação pode ser usado para aumentar a produtividade” e “como o medo pode ser uma engrenagem determinante da organização do trabalho” (p. 97). O exemplo trazido por Dejours (1980/2009) para ilustrar a exploração da frustração nos remete imediatamente às muitas funções de trabalho no turismo, sobretudo em função das demandas de hospitalidade, que precisam adaptarem-se a uma violenta codificação e decodificação de sua linguagem, como é o caso de recepcionistas de hotel e comissários de voo. Ele apresenta breves enunciados produzidos por telefonistas, dos quais apresentamos alguns:

- "O trabalho nos deixa idiotas."
- "O trabalho é completamente falso. Quando falamos, é o PTT³ que fala. Quando eu saio do trabalho, falo com as pessoas com as frases do PTT."
- "O que o Sr. deseja?" Não podemos dizer, por exemplo, "o que o Sr. quer?"
- "Depois, devemos repetir a informação pedida sob forma de pergunta."
- "Enfim, no caso de agradecimento do assinante, é a única situação em que temos o direito de dar uma resposta livremente escolhida." (Dejours, 1980/2009, p. 97)

Dos relatos depreende-se que há todo um sistema de controle sobre elas, aquilo que podem e devem falar, aquilo que não podem e não devem falar, bem como um sistema de controle sobre a execução da tarefa que implica a utilização de ferramentas específicas, códigos, etc. A boa execução da tarefa, contudo, implica a possibilidade de obtenção de vantagens, seja de transferência para uma posição ou setor tido como de maior status, seja pela possibilidade de transferência para uma outra sede da organização, etc. Também relatam uma adaptação a um certo modo de falar, de pronunciar palavras, na medida em que serão melhor compreendidas sem maior esforço e sem a necessidade de repetir. Acabam levando isso para fora do trabalho também. Entre outras questões apontadas.

Dejours (1980/2009) analisa o relato das telefonistas a partir de três aspectos: a finalidade da informação; a forma e o conteúdo do trabalho; as questões relativas à hierarquia, ao tipo de comando e à organização do trabalho. A necessidade de informação existe porque algo falta, algo é incompleto, necessitando de que alguém o diga. A forma e o conteúdo são tratados como sinônimos, na medida em que o conteúdo é tão limitado, ridicularizado e estereotipado que se restringe à forma. Não se deve expressar/externalizar quaisquer sinais de desejo próprio e tampouco escutar a maneira como se apresenta o interlocutor, apenas se ater à informação solicitada por ele. “Há uma contradição fundamental entre um serviço destinado à comunicação e a proibição de qualquer relação psico-afetiva” (Dejours, 1980/2009, p. 101). Por fim, em relação à

³ Na França é a empresa estatal que agrupa os correios, telégrafos e telefonia.

hierarquia, foca-se sobre o “estado permanente de poder ser controlado. Não se pode imaginar uma disciplina mais eficaz ou perfeita que a existente, pelo fato de se poder ser controlado a qualquer momento, sem mesmo saber” (Dejours, 1980/2009, p. 101).

Esse estado acaba impondo ao trabalhador um autocontrole construído artificialmente, em que ele próprio passa a se controlar pela possibilidade constante de ser descoberto, ou seja, “o medo e a ansiedade são os meios pelos quais se consegue fazer respeitar os preceitos hierárquicos” (Dejours, 1980/2009, p. 102). Na medida em que a frustração se acumula, transforma-se em agressividade, que o trabalhador não consegue dar vazão por outra saída direta que não seja contra ele mesmo. No entanto, diante das contingências da vida que lhe impõem ao trabalho, o trabalhador tende a transportar essa energia agressiva e de frustração para a forma de uma culpa, culminando em sua adaptação à organização imposta. Dejours (1980/2009) ainda dá outros exemplos de como o trabalhador cria estratégias para tentar adaptar-se por outra via que não seja a agressiva, pois reconhece suas necessidades.

No caso analisado, ao contrário do que se pensaria, não é estimulando as telefonistas a trabalhar mais rápido que se obtém maior produtividade, mas provocando irritação e tensão sobre elas: “o trabalho não causa o sofrimento. É o sofrimento que produz o trabalho” (Dejours, 1980/2009, p. 103), ou seja, não é necessariamente a exploração do sofrimento, mas dos mecanismos de defesa contra o sofrimento.

Outro aspecto considerado é a exploração da ansiedade, produzida devido às constantes mudanças nos processos, nos instrumentos, nas tarefas, mudanças sobre as quais os trabalhadores, apesar de sua experiência não conseguem lidar. Esse conhecimento fica restrito aos setores de maior escalão, como engenheiros, desenvolvedores, gerentes, etc. Os setores operacionais conseguiriam manter o funcionamento da empresa por um determinado tempo sem os setores gerenciais, devido a experiência que possuem sobre a tarefa, o contrário não verdadeiro. Esse jogo com a ignorância permeia o funcionamento da empresa, visto que seu aumento produz medo, “quanto mais a relação homem/trabalho está calcada na ignorância, mais o trabalhador tem medo” (Dejours, 1980/2009, p. 107), a exemplo dos aprendizes e estagiário ou de condutores de turismo de aventura (Bazotti, 2014).

O medo é utilizado pela direção como uma verdadeira alavanca para fazer trabalhar. Lembrando sem parar as diversas modalidades dos riscos, mais do que o perigo do momento, a direção mantém voluntariamente os trabalhadores num estado de alerta permanente. Efetivamente, o medo serve à produtividade, pois com esse tipo de atmosfera de trabalho, os operários estão especialmente sensíveis e atentos a qualquer anomalia, a qualquer incidente [...]. Ficam atentos e ativos, de modo que em caso de quebra, vazamento ou qualquer outro incidente, intervêm imediatamente, mesmo se a ocorrência não for diretamente ligada a suas atribuições diretas. (Dejours, 1980/2009, p. 112)

O mesmo autor ainda destaca que a experiência do medo é solidarizada pelos trabalhadores de uma organização, na medida em que o risco de que algo não saia como o planejado pode prejudicar a todos os ‘tripulantes do barco’, caso ele venha a afundar

(Dejours, 1980/2009). Nota-se como, por meio da mobilização de sentidos em torno do controle, do medo, da ansiedade, etc., a organização do trabalho explora a produção de sofrimento do trabalhador, que vive sob uma constante estimulação de seu aparelho psíquico, preso à contingência de ter que trabalhar, criando estratégias que, eventualmente, lhe escapam.

3. Nas ruínas do trabalho, a denúncia da arte e a carne exposta do trabalhador

Nessa relação de medo e ansiedade, a artista Adriana Varejão não se poupa da angústia e também não nos poupa desse sentimento ao manipular o espaço com azulejos, resinas e tintas para apresentar as séries de obras e instalações artísticas *Línguas e Cortes* (1997-2003) e *Charques* (1999-2018). O charque enquanto um processo de conservação de alimentos, mais especificamente da carne com sal, do mesmo modo também remete ao suor do trabalhador. Em ambas, amontoados de carne e de vísceras expõem aquilo que é da ordem do traumático e que até agora não pôde ser nomeado nas relações de trabalho. Através da denúncia da arte, propomos uma reflexão ao encontro do trabalho. As imagens que se seguem são captadas de lugares formativos - as obras-instalações - mais legíveis do que um artigo científico e que, separadas dessa matriz, funcionam como carne no açougue. Escancaram o óbvio.

Imagem 1 - Charques - Ruína de Charque Santa Cruz (Quina)



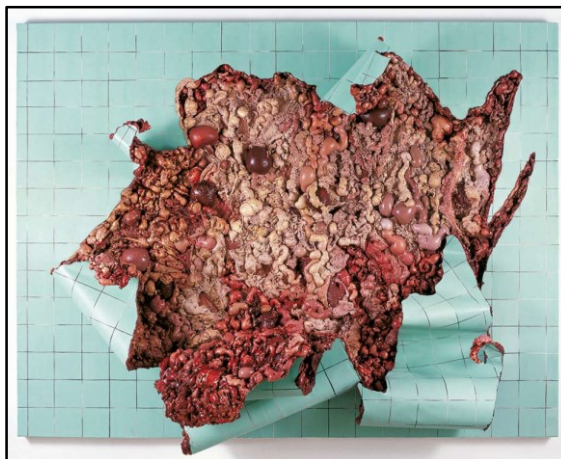
Fonte: Varejão (2002).

A imagem 1 apresenta um ângulo de parede com azulejos brancos. Ao se quebrarem ou descolarem, revelam uma grossa camada de carne, sangue e vísceras por trás da fina superfície vitrificada e lisa. É com essa mercadoria peculiar “que só existe na carne e no sangue do homem” (Marx, 1849/2010, p. 34) que se ergue uma parede, que se constrói a civilização. A força de trabalho é essa energia particular que produz outras mercadorias. A arte e a teoria denunciam que quanto mais riqueza o trabalhador produz, tanto mais fraco ele se torna. Quanto mais mercadorias cria, mais o trabalhador se torna

uma mercadoria barata. Nesse sentido Marx (1844/2017b) afirma: “O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral” (p. 80).

Os azulejos brancos levam a pensar em banheiros e cozinhas, cômodos obrigatórios de uma casa, hotel, restaurante, hospital, o que nos convida à identificação com esses espaços. No trabalho de higienização e limpeza, no trabalho doméstico e no trabalho das camareiras, das cozinheiras, das higienizadoras, os azulejos se fazem presentes. A artista quebra a superfície e faz verter sangue ali onde não se espera, desarranja o verniz civilizatório e produz o estranhamento com a obra. A potência da arte está em convidar à identificação e em seguida apresentar a estranheza e o sem-sentido, para quem, desavisado da situação de si e do social, faça um mínimo contato com o que foi esquecido, ocultado e denegado.

Imagem 2 - Línguas e Cortes - Azulejaria Verde em Carne Viva



Fonte: Varejão (2000).

A imagem 2 apresenta o azulejo: uma fina casca contra a massa de carne que a faz estourar. Assim, a arte abala a ideia de consciência, coloca em dúvida a percepção. Faz suspeitar do evidente, afirma a presença do ausente no visível. Expõe o intangível do processo de dor e luta. E Marx (1844/2017, p. 86) questiona: “se o produto do trabalho me é estranho, [se ele] defronta-se comigo como poder estranho, a quem pertence, então?”. Ao que ele mesmo responde:

A outro ser que não eu. Quem é este ser? Os deuses? Evidentemente nas primeiras épocas a produção principal, como por exemplo a construção de templos, etc., no Egito, na Índia, no México, aparece tanto a serviço dos deuses, como também o produto pertence a eles. Sozinhos, porém os deuses nunca foram senhores do trabalho. Tampouco a natureza. E que contradição seria também se o homem, quanto mais subjugasse a natureza pelo seu trabalho, quanto mais prodígios dos deuses se tornassem obsoletos mediante os prodígios da indústria, tivesse de renunciar à alegria na produção e à fruição do produto por amor a

esses poderes. O ser *estranho* ao qual pertence o trabalho e o produto do trabalho, [...] só pode ser o *homem* mesmo. (Marx, 1844/2017b, p. 86)

O olhar pousado sobre um trecho de parede faz ver que a civilização é um verniz em cima da carne. A carne viva que eclode, que estava encoberta, foi usada para esconder a ruína inicial, o mau uso da civilização na exploração do outro. Trata-se de fazer pagar com a carne, na impossibilidade para lidar com a fratura inaugural, com a divisão e o desamparo do sujeito. Concretar com carne. A exploração do trabalho é esse esforço de tapar com o sangue do outro, com a carne do outro, de quem é exigido o sacrifício civilizatório. Esses considerados devedores e culpados, e que assim se assumem, não devem se revoltar (Dejours, 1980/2009). Eles devem trabalhar para reafirmar e garantir o lugar narcísico de um outro que se ilude com um falso poder. A obra é um convite ao desespero todo o dia. E não se trata de vitimização o que estamos falando, mas do trabalhador como efeito linguagem. O que resta ao trabalhador é o direito de resistir e lutar, abrindo e expondo a ferida.

A artista reivindica o pulsional, fazendo-o repetir-se. A obra representada na Imagem 3, *Linda do Rosário*, foi inspirada no desabamento de um hotel, de mesmo nome, na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2002. As ruínas, ao mesmo tempo que expõem nossas fraturas civilizatórias, também conservam pedaços de paredes e azulejos inteiros, metaforizando a necessidade de um contorno possível em torno do sofrimento no campo do trabalho como lugar de inscrição.

Imagem 3 - Charques - Linda do Rosário, de Adriana Varejão (2004)



Fonte: Instituto Inhotim (2020).

A Imagem 3 em branco encardido e vermelho. Dá acesso ao duplo sentido de interior da parede para o interior do corpo. Uma base central de onde são puxadas duas ramificações laterais, como tubas uterinas que se estendem para os lados da pelve. O inusitado aparelho genital interno feminino dá o ar da graça pela obra da artista. E nós, tão acostumadas e acostumados aos obeliscos eretos, roliços e congratulatórios, somos

obrigadas e obrigados a nos depararmos com um útero sangrento. Quanto desequilíbrio a arte nos impõe para fazer pensar nas mulheres camareiras, higienizadoras que vivem para morrer limpando esse chão, esses azulejos.

A obra é uma grande denúncia que pode causar repugnância. É desconcertante ver que os ambientes que frequentamos se transformam em vísceras. Marcam a hemorragia em prol do trabalho. O trabalhador que não resiste mais, tem as vísceras expostas, sem direito ao contorno da pele. Como se lhe enfiassem uma faca para descobrir se ele é mesmo humano, se é feito de carne, sangue e osso. Faz pensar na violência sofrida por mulheres, pessoas negras, pobres, transexuais. Sabemos que são humanos, mas é preciso abrir para ver se sangra. Exigir mais, mais rendimento, mais produtividade, mais proatividade, mais comprometimento com a organização do trabalho, etc.

Imagem 4 – Espectadores da obra “Charques - Linda do Rosário”, de Adriana Varejão (2004)



Fonte: Instituto Inhotim (2020).

A imagem 4 mostra os espectadores, poderíamos pensar turistas, observando a obra de Varejão e fotografados de cima. Na mureta da parede, ruína de carne, visualizamos o seu interior tomado por tecido muscular, em fratura exposta. Trata-se de uma demarcação, uma linha divisória entre o que é dado a ver e o que nos interroga. O que vemos e o que nos olha. A parte frontal talvez não permita aos turistas verem o trágico que está na linha demarcatória do azulejo. Na área de visitação existe uma divisão ensanguentada: o que o turista vê e o que turista não vê, como se a artista resistisse na entrega de seu próprio trabalho, exigindo mais do espectador, ocultando-o do turista. Como o espanto causado no ano de 2019, quando uma paralisação dos vigilantes do Museu do Louvre, em Paris, forçou a parada de uma das maiores atrações turísticas do mundo (Riaño, 2019), consequência de altas jornadas de trabalho e do caos gerado pelo excessivo número de visitantes simultâneos com os quais tinha que lidar.

4. Considerações finais

Para não despertar a angústia, o trabalhador pode converter a sua energia libidinal em sintomas corporais, realizando a ilusão de conhecer a origem de seu mal. Restrito ao próprio corpo, o trabalhador se vê no individual, apartado da classe e da história, renega a sua ação política. E o verdadeiro perigo pulsional, que no caso é sua atividade laboral, ele se encarrega de encobrir. Nesse caso, a doença do trabalhador trata de substituir o sofrimento, que não transborda em “desordem social”, em greve, em movimento sindical, em movimento social, etc. Nesse processo, opera-se um efeito de censura que, por sua vez, pode gerar uma inibição, transformando-se em incapacidade até mesmo de comparecer ao trabalho, uma impossibilidade de ir à rua.

O trabalho é algo que o sujeito não pode assegurar senão por meio de um significante e esse significante é sempre faltoso. Esse é o verdadeiro trabalho para qual o sujeito é convocado, o trabalho de contorno de uma falta. A angústia diante do real é a existência de um corte pelo qual o sujeito cede algo de si, que ele não sabe bem o que é, mas que tem a implacável notícia pela experiência de sua falta. Desta maneira, pode-se pensar que o sofrimento desafia a organização do trabalho a dissimular a divisão constitutiva do sujeito. No entanto, isso só faria evidenciá-lo, forçando o sujeito a um deslocamento, onde se apresenta a fantasia incitando o desejo, ao qual a falta não corresponde.

Nesse ponto situado entre o lugar da falta em sua relação com o desejo, como estruturado pela fantasia, na não-coincidência da falta com a função do desejo, é que a angústia designa o momento da divisão do sujeito materializado pelo surgimento de uma borda, que assinala a verdade da falta. Em relação à organização do trabalho, o sujeito tentará forjar para si uma imagem especular nas bases por ela preconizada. Trata-se de sua imagem duplicada presentificada na realidade do trabalho. A imagem do duplo, assim como em “*O estranho*” Freud (1919/1996), a angústia aparece, então, bastante funcional na economia libidinal do trabalhador que não cessa de se perguntar o que o representante do capital espera dele. Mas não é aí que está o enfrentamento da angústia. A abordagem da angústia no trabalho só seria possível pela nomeação dessas relações de produção, que são também relações de exploração do sofrimento, da carne, do sangue do trabalhador.

Referências

- Bazotti, L. S. (2014). *Atividade turística de rafting e os sentidos da segurança para seus condutores: rios Paranhana e Antas em Três Coroas e Nova Roma do Sul/RS* (142 f.). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, Brasil. <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/6101>.



- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal* (Coleção Estado de Sítio, tradução de Mariana Echalar). Boitempo.
- Dejours, C. (2009). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (5a. ed. ampl., 12a. reimp., tradução de Ana Isabel Paraguay). Cortez/Oboré. (trabalho original publicado em 1980)
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. Boitempo. (Coleção Estado de Sítio)
- Freud, S. (2010a). O mal-estar na civilização (1930). In S. Freud. *O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)* (Obras completas, vol. 18, tradução de Paulo César de Souza, pp. 09-79). Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1930).
- Freud, S. (2010b). Além do princípio do prazer (1920). In S. Freud. *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (Obras Completas, vol. 14, tradução de Paulo César de Souza, pp. 161-239). Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1996). O estranho. In S. Freud. *Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVII, pp. 137-162). Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1919).
- Instituto Inhotim. (2020). *Galeria Adriana Varejão*. Brumadinho, MG: Instituto Inhotim. Recuperado 30 de julho de 2020 de <http://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/galeria-adriana-varejao/>.
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia* (tradução de Vera Ribeiro). Jorge Zahar Ed.
- Marx, K. (2010). *Trabalho assalariado e capital & salário, preço e lucro*. Expressão Popular. (Trabalho originalmente publicado em 1849).
- Marx, K. (2017a). *O capital: crítica da economia política: livro I: processo de produção do capital* (2a. ed., tradução de Rubens Enderle). Boitempo. (Trabalho originalmente publicado em 1867).
- Marx, K. (2017b). Trabalho estranhado e propriedade privada. In K. Marx. *Manuscritos econômico-filosóficos* (Coleção Marx-Engels, 4. reimp., tradução de Jesus Ranieri, pp. 79-90). Boitempo. (Trabalho originalmente publicado em 1844).
- Marx, K., & Engels, F. (2005). *Manifesto comunista* (Coleção Marx-Engels, 4. reimp., tradução de Álvaro Pina). Boitempo. (Trabalho originalmente publicado em 1848).
- Riaño, P. A. (27 maio 2019). *Louvre fecha as portas devido a licenças em massa dos funcionários*. El País. Madrid, Cultura. Recuperado em 28 de maio de 2019 de https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/27/cultura/1558960816_134141.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM&hootPostID=9295654f935efc0beb17%E2%80%A6.
- Slee, T. (2017). *Uberização: a nova onda do trabalho precarizado* (tradução de João Peres). Elefante.
- Varejão, A. (artista). (2002). *Ruína de Charque Santa Cruz (Quina)* (Charques, óleo sobre madeira e poliuretano 233x90x166cm). Rio de Janeiro: Adriana Varejão. Retirado

de <http://www.adriनावarejao.net/br/imagens/categoria/10/obras>, em 30 jun. 2020.

Varejão, A. (artista). (2000). *Azulejaria Verde em Carne Viva* [obra artística] (Línguas e Cortes, óleo sobre tela e poliuretano 220x290x70cm). Rio de Janeiro: Adriana Varejão. Retirado de

<http://www.adriनावarejao.net/br/imagens/categoria/10/obras>, em 30 jun. 2020.

Varejão, A. (artista). (2004). *Linda do Rosário* [obra artística] (Charques, óleo sobre alumínio e poliuretano 195x800x25cm). Rio de Janeiro: Adriana Varejão. Retirado de <http://www.adriनावarejao.net/br/imagens/categoria/10/obras>, em 30 jul. 2020.

SUFFERING AT WORK: A FIELD OF FIGHT IN TOURISM

Abstract

What the workers should resign in order to adapt themselves to the demands imposed by the organization of work? In this paper, of an essayistic and critical approach, we propose to establish an interface between the fields of work, suffering and art, in the limits between the marxist approach about labor force, the freudian's theorization about the drives and the work "Madness and work" by Christophe Dejours, to problematize the work exploitation. We seek that connection through two series of art installations by the brazilian artist Adriana Varejão untitled "Línguas e Cortes" (1997-2003) and "Charques" (1999-2018), whose works impose a look on the theme addressed by us. We assume the risks of the fragmented character and of the evoked meetings to re-present and to interpret suffering in the historical relationship of the productive forces, from which tourism does not escape. Expropriated of your intellectuality, individualized from the community and limited in relation to the needs of your body, the worker must resist. Suffering is proposed as a field of fight between the worker's desire and the demand of the work organization, as a possible negotiation strategy for the worker not to get sick.

Keywords: work; tourism; psychoanalysis; work suffering; art.